

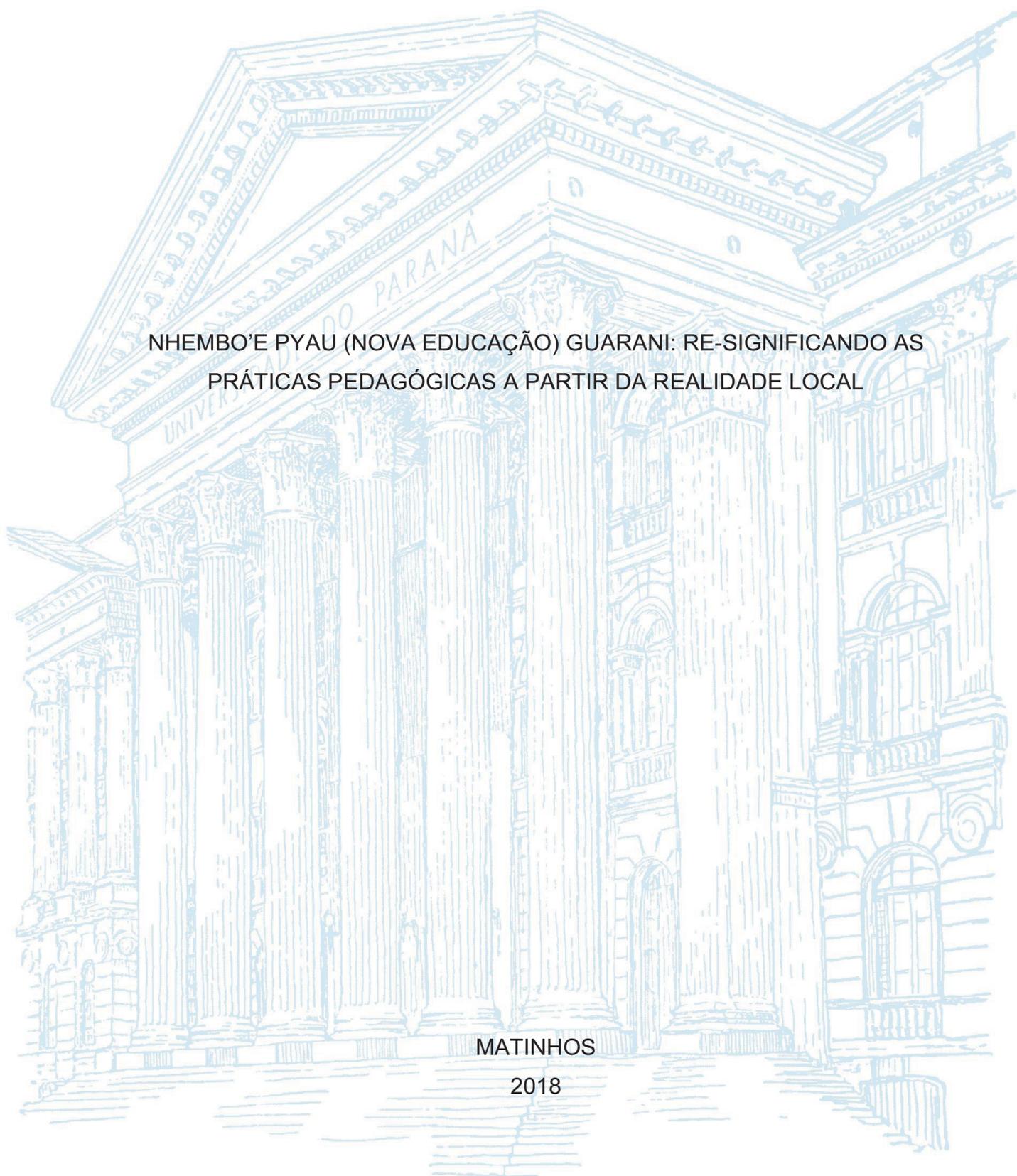
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MAYARA VIEIRA DA SILVA

NHEMBO'E PYAU (NOVA EDUCAÇÃO) GUARANI: RE-SIGNIFICANDO AS
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS A PARTIR DA REALIDADE LOCAL

MATINHOS

2018



MAYARA VIEIRA DA SILVA

NHEMBO'E PYAU (NOVA EDUCAÇÃO) GUARANI: RE-SIGNIFICANDO AS
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS A PARTIR DA REALIDADE LOCAL

TCC apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Alternativas para uma Nova Educação.

Orientadora: Msc.Susan Regina Raittz Cavallet

MATINHOS

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS PARA UMA
NOVA EDUCAÇÃO



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pela orientadora Professora **MSc. Susan Regina Raittz Cavallet**, realizaram em 29 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Mayara Vieira da Silva**, sob o título "NHEMBO'E PYAU (NOVA EDUCAÇÃO) GUARANI : RE-SIGNIFICANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS A PARTIR DA REALIDADE LOCAL" sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo sido "APROVADA".

Matinhos, 30 de junho de 2018.

MSc. Susan Regina Raittz Cavallet
Professora Orientadora

Dra. Lenir Maristela Silva
Professora Integrante

MSc. Almir Carlos Andrade
Professor Integrante

Mayara Vieira da Silva
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

*Dedico este trabalho a minha pequena Lua, sempre amorosa, forte e alegre que esteve comigo em todos os momentos abrilhantando ainda mais esse processo.
Dedico também a toda nação Guarani Mbya, povo guerreiro que sobrevive resistindo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha avó Maria Renoir Freire e minha mãe Sandra Regina Freire Bueno por sempre estarem ao meu lado.

Agradeço muito todos que me ajudaram e me apoiaram na realização das ações, principalmente a equipe da Escola Estadual Indígena *Mbya Arandú* e a comunidade da Terra indígena Araça-í.

Agradeço todos os educadores e educadoras da UFPR Litoral pelas palavras de incentivo.

Agradeço todas as pessoas que conheci nessa trajetória de des-formação e partilharam comigo seus sonhos, seus anseios, suas histórias de vida.

Ainda que a escola siga sendo pública – única maneira de garantir o direito à educação para todos em um país marcado por desigualdades sociais -, o projeto educacional não é religioso, nem estatal, nem empresarial: é comunitário, vinculado a um território, com sujeitos protagonistas de relações educativas.
(BARRERA, 2016, p.223)

RESUMO

A partir de reflexões, imersos nos problemas sociais da comunidade resolvemos questionar: Educação para que e para quem? Como seguir a rotina burocratizada da escola em meio a tantos desafios que não podemos ignorar. Como colaborar com uma educação mais significativa. Chamamos a comunidade para a escola e em algumas reuniões conseguimos perceber o que eles queriam que fosse aprendido e no que poderiam melhorar. Foi o início do processo para construção de um projeto político-pedagógico com autonomia Guarani, pois o conhecimento indígena é muito amplo não se resume a meras disciplinas, desse modo nós enquanto escola buscamos uma educação alternativa diferenciada voltada para realidade e para o fortalecimento da autonomia na comunidade, tentando romper com o modelo de educação imposta, que é individualista, fragmentada, disciplinar. Como resultado das reuniões, partimos para as ações que foram realizadas visando transformar a realidade. Trabalhando com valores como a união, a cooperação, a solidariedade, a autonomia e o diálogo, seguimos na construção de uma Comunidade de Aprendizagem onde todos são protagonistas do fazer educativo, é a escola e a comunidade unidas em prol do desenvolvimento local.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena 1. Projeto político-pedagógico 2. Guarani 3. Autonomia 4. Comunidade de Aprendizagem 5.

ABSTRACT

From reflections, immersed in the social problems of the community we decided to question: Education for what and for whom? How to follow the bureaucratic routine of the school in the midst of so many challenges that we can not ignore. How to collaborate with a more meaningful education. We called the community to school and in some meetings we were able to see what they wanted to learn and what they could improve. It was the beginning of the process for the construction of a political-pedagogical project with Guarani autonomy, because indigenous knowledge is very broad, it is not limited to mere disciplines, in this way we as a school seek a differentiated alternative education focused on reality and for the strengthening of autonomy in the community, trying to break with the imposed model of education, which is individualistic, fragmented, disciplinary. As a result of the meetings, we started with the actions that were taken to transform reality. Working with values such as unity, cooperation, solidarity, autonomy and dialogue, we continue to build a Learning Community where all are protagonists of the educational process, the school and the community united in favor of local development.

Keywords: Indigenous School Education 1. Political-pedagogical project 2. Guarani 3. Autonomy 4. Learning Community 5.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – FÁBRICA DE BRANCOS.....	08
FIGURA 2 – REUNIÃO ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE	10
FIGURA 3 – REUNIÃO ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE	10
FIGURA 4 – LIMPEZA E MANUTENÇÃO DO FORNO COMUNITÁRIO	12
FIGURA 5 – LIMPEZA E MANUTENÇÃO DO FORNO COMUNITÁRIO	12
FIGURA 6 – REUNIÃO COM A COMUNIDADE PARA DISTRIBUIÇÃO DOS PÃES	
13	
FIGURA 7 – EQUIPE DA ESCOLA, PAIS E ALUNOS	13
FIGURA 8 – RESULTADO DA PRIMEIRA OFICINA	13
FIGURA 9 – OFICINA DE COMPOTA DE LIMÃO	15
FIGURA 10 – OFICINA DE COMPOTA DE LIMÃO	15
FIGURA 11 – INTEGRAÇÃO CRIANÇAS DA ALDEIA E DA CASINHA DO MATO	15
FIGURA 12 – RESULTADO DA SEGUNDA OFICINA DE PÃO CASEIRO	Erro!
Indicador não definido.	
FIGURA 13 – RESULTADO DA SEGUNDA OFICINA DE PÃO CASEIRO	Erro!
Indicador não definido.	
FIGURA 14 – DONA MARIA RENOIR NO FORNO A LENHA.....	Erro! Indicador não definido.
FIGURA 15 – OUTROS TIPOS DE PÃES	Erro! Indicador não definido.
FIGURA 16 – CRIANÇAS, ADOLESCENTE E ADULTOS NA OFICINA.....	Erro! Indicador não definido.
FIGURA 17 – CRIANÇAS, ADOLESCENTE E ADULTOS NA OFICINA.....	Erro! Indicador não definido.
FIGURA 18 – CRIANÇAS, ADOLESCENTE E ADULTOS NA OFICINA.....	Erro! Indicador não definido.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 MEMÓRIA DE VIDA.....	12
3 NHEMBO'E PYAU (NOVA EDUCAÇÃO) GUARANI	15
3.1. LOCAL DE ATUAÇÃO: ESCOLA E COMUNIDADE	16
3.2. PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO: NOVAS ALTERNATIVAS PARA A EDUCAÇÃO INDÍGENA.....	17
3.3. AS AÇÕES: EM BUSCA DA AUTONOMIA GUARANI.....	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

Este memorial faz parte do curso de ANE - Alternativas para uma Nova Educação, que tem sua metodologia baseada no Terceiro Manifesto pela Educação, material desenvolvido de forma colaborativa por vários educadores e pessoas engajadas com a situação educacional brasileira. A carta de princípios elenca cinco objetivos como: educar-se na integralidade, educar-se em solidariedade, educar-se na diversidade, educar-se na realidade, educar-se na democracia e por fim educar-se com dignidade. E anuncia, como um brado de luta, “Mudar a Escola, Melhorar a Educação: Transformar um País”, convidando a todos que abraçarem a proposta a fazerem isso com ações concretas em benefício dos estudantes e da sociedade.

São esses princípios que sustentam o projeto da ANE, que é a ruptura com um modelo de educação hegemônico para um modelo de educação contra hegemônico ou seja uma educação comunitária auto e socialmente responsável levando em consideração categorias integradores como a interculturalidade, interdisciplinaridade, interterritorialidade, intergeracionalidade, interinstitucionalidade e a interexperencialidade.

Pautada nesses valores e categorias que apresento o trabalho desenvolvido na Escola Estadual Indígena Mbya Arandú localizada na terra indígena Araça-í. As práticas descritas nesse memorial trazem uma reflexão sobre a educação escolar indígena, mas também sobre as condições em que esses povos vivem atualmente. Para haver uma compreensão justa, primeiramente, é preciso entender o que seria uma “Nova” Educação Guarani, admito que esse novo nada o tem se pensarmos que antes da colonização e da glória dos jesuítas os indígenas já traziam consigo modos de organização específicos e conhecimentos ancestrais sobre várias esferas da vida. Quando se fala nova educação, o que devemos é re-significar nossas práticas pedagógicas para criar uma educação que resgate aquilo que lhes foi tirado e rompa com aquilo que lhes foi imposto. O que podemos chamar de nova educação é o que temos feito com o conhecimento indígena, buscando utilizá-lo de modo a valorar o potencial desse povo para melhorar suas condições de existência (vida). E para tal é necessário resgatar a autonomia que esses povos sempre tiveram antes da invasão ocidental e da tutela do Estado e hoje mesmo considerados cidadãos brasileiros ainda sobrevivem à mercê do assistencialismo.

Dentro deste contexto, que por muito tempo foram visto como inferiores e sem conhecimento, pretendo nesse trabalho responder quais seriam as alternativas para inovar a educação escolar indígena e sanar as feridas deixadas pela escola tradicional, como resgatar aquilo que lhes foi tirado, ignorado e imposto como errado.

2 MEMÓRIA DE VIDA

No ensino médio fui pra a cidade vizinha cursar Magistério, a esperança da minha mãe era que eu arrumasse um emprego logo que começasse estudar. No 2º ano aos 16 anos consegui um estágio remunerado num C.M.E.I (Centro Municipal de Educação Infantil) próximo a minha casa. Até esse período ainda não tinha muita maturidade sobre o ato de educar, só comecei a compreender o tamanho da responsabilidade social do professor quando estava no último ano do curso. Com isso veio o meu interesse em ingressar numa universidade, comecei a ler mais, participei de um cursinho pré-vestibular gratuito e optei por tentar Sociologia, acreditava que a matéria ajudaria a levar mais consciência para os jovens em relação a sua realidade, ao mesmo tempo em que aprendem a defender-se, rompendo com a alienação e dando-os a oportunidade de transformá-la. Foi esse ano também que tive aula de sociologia pela primeira vez e foi a matéria que mais me instigou, achei muito interessante e significativa.

Em 2010 ingressei no curso de Licenciatura em Sociologia e foi muito desafiador, aprendi que não sabia estudar e dei muito valor a uma única professora do ensino médio que nos incentivava a ler e apresentar nossas próprias conclusões. Mantive-me durante esse tempo fazendo panfletagem em bairros e sinaleiros até conseguir participar PIBIC (Programa de Iniciação Científica) que pesquisava o uso de substâncias psicoativas entre os jovens universitários, e um estágio remunerado na Secretaria da Criança e da Juventude do Estado onde trabalhei no meu bairro com o “Programa Atitude”, esse visava incentivar o protagonismo juvenil em comunidades carentes e com índices de criminalidade elevados.

Em 2011 aos 19 anos comecei a lecionar a disciplina de Sociologia como professora acadêmica em alguns colégios estaduais da minha cidade. Foi uma grande superação, pois dava aula pra alunos quase da minha idade por um lado isso era bom, por outro lado vi que ser mulher e jovem dentro de sala de aula é muito mais desafiador. Alguns outros colegas da faculdade também ingressaram nas suas cidades então foi um ano de discussões muito férteis entre nós. Foi um ano de muito aprendizado e dificuldades em que pude perceber todos os impasses da instituição escolar e as dificuldades que isso implica no ato de ensinar, como um ambiente burocratizado e uma educação bancária influem muito nos próprios alunos, que de tão condicionados, não conseguem entender outra maneira de aprender que se desfaça

do quadro, do caderno e do copiar. E também não há apoio para novos professores bem pelo contrário há contato com uma equipe desacreditada que não vê outra saída a não ser reclamar. Mesmo tendo feito estágios senti na pele o desgaste da escola pública tanto pra educadores quanto para alunos, todos exaustos e desacreditados. Saí da escola normal onde lecionei durante um ano sem vontade de voltar. No ano seguinte resolvi me dedicar somente aos estudos, consegui ingressar no PIBID (Programa de Iniciação a Docência) onde atuei desenvolvendo aulas de Sociologia diferenciadas e até tive oportunidade de ir para o Maranhão apresentar um banner sobre a contribuição do programa para a valorização da licenciatura nas Ciências Sociais. No último ano de faculdade me dediquei ao trabalho de conclusão de curso onde pesquisei “A educação escolar no sistema prisional e a ideologia do tratamento ressocializador”. Foi interessante estudar essa realidade que me é tão próximo desde criança por morar ao lado de um grande complexo penitenciário. Um sistema repressivo cheio de implicações políticas e sociais que através da educação trás esperança aos detentos que vêm nos estudos uma maneira de buscar uma nova realidade, porém sem crítica não os prepara para superar os estigmas. Durante a universidade tive muito contato com movimentos sociais do campo e de juventude e até participei de um estágio de vivência com o MST, foram dias de formação e dias de vivência em área camponesa algo que contribuiu muito para ampliar minha visão sobre a educação popular.

Já formada em 2014 comecei a lecionar na Escola Estadual Indígena M'bya Arandú na Terra Indígena Araça-i também em Piraquara. Entrei numa realidade totalmente diferente e desde que estou lá tenho desconstruído muito das minhas concepções sobre educação, vida, morte, comunidade e etc. É difícil a princípio se despir de todo o romantismo e preconceito que permeia o imaginário brasileiro sobre essas nações quando ignoram toda precariedade das condições na qual vivem, as aldeias como grandes periferias esquecidas pelo poder público.

Comecei a trabalhar com a Sala de Apoio à Aprendizagem de Língua Portuguesa uma nova roupagem da sala de reforço escolar. Atendi alunos de 6º ao 9º ano ensinando conteúdos de ensino primário, alunos todos com muitas dificuldades básicas, a prova de que o ensino disciplinar deixa muitas lacunas e atende aos educandos fazendo uma varredura que deixa pra trás muitas de suas capacidades. Uma prova de que esta forma de ensino esta passando por cima das pessoas, é que ele não as prioriza, não leva em consideração suas singularidades, nem dificuldades

no acompanhamento da cartilha e aos que acompanham se limitam aquilo que nem sempre será útil para sua vida.

3 NHEMBO'E PYAU (NOVA EDUCAÇÃO) GUARANI

O desejo de cursar a especialização em Alternativas para uma Nova Educação – ANE veio carregado de esperança, depois de três anos fora da universidade queria melhorar enquanto professora aprimorar minha prática pedagógica. Desde o primeiro dia de aula fui acreditando que iriam me dizer o que seriam essas novas alternativas e como faze-las. Porém a primeira proposta dos professores foi: “Elaborem ações de educação diferenciada nos espaços de atuação” admito fiquei muito insegura e atônita com a situação, pois pensei “-Como posso fazer isso se não tenho certeza do que são essas novas alternativas educacionais! Como vou fazer isso direito?!”. Ironicamente acho que seria bem estranho um curso que visa nos ensinar algo novo fazer isso de modo tradicional. Para isso o projeto do curso nos incentivou a participar dos “CONANE’s” (Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação) tanto a regional em Matinhos na UFPR litoral como a Nacional em Brasília no EAPE – Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação. E alguns outros eventos como o VII Seminário Heliópolis Bairro Educador no CEU (Centro Educacional Unificado) de Heliópolis em São Paulo, foram tantas vivências, aprendizagens, relatos dos mais diversos lugares, um campo tão rico de conhecimento, que com base nas experiências compartilhadas, elaborei uma nova proposta de trabalho a ser apresentada na ANE (Especialização em Alternativas para uma Nova Educação). Os espaços serviram de inspiração para realização das ações do meu local de trabalho e fortaleceram a compreensão desse movimento educacional contra hegemônico.

Foi possível perceber dentre as experiências lá compartilhadas que para se fazer uma nova educação não existe um padrão ou receita e sim sensibilidade, engajamento para valorizar/observar as necessidades locais e buscar a transformação fazendo do ato educativo algo significativo para todos os envolvidos. Desse modo pode-se fortalecer e intensificar a projeção de atividades que já estavam sendo realizadas na Aldeia Araça-i e propor novas alternativas, principalmente se tratando da Educação Indígena, pois essa ruptura com o modelo tradicional e a “des-formação” dos sujeitos envolvidos no processo educativo são muito mais emergentes.

3.1. LOCAL DE ATUAÇÃO: ESCOLA E COMUNIDADE

A terra indígena *Araça-í* está localizada a aproximadamente 15 km do centro da cidade de Piraquara (Região Metropolitana de Curitiba), os indígenas Guarani instituíram sua comunidade no município no dia 14 de dezembro de 1999. Na condição de cuidarem do local, atualmente considerado área de preservação ambiental (APA), o ambientalista Jorge Grando – *Karai Ruvixa* (assassinado em chacina na mesma cidade no ano de 2011) disponibilizou as terras para que eles pudessem deixar a aldeia de Palmeirinha na reserva indígena de Mangueirinha localizada nas proximidades dos municípios de Chopinzinho, Mangueirinha e Coronel Vivida. E assim o fizeram, com objetivo de melhorarem de vida e principalmente, preservar sua cultura, pois lá havia outras etnias e a proximidade com a cidade não lhes trazia boas influências como, por exemplo, bebidas alcoólicas, drogas e igrejas, além de uma rodovia localizada no meio da reserva que ocasionou alguns acidentes fatais envolvendo crianças indígenas.

Atualmente a comunidade é formada por 26 famílias, totalizando aproximadamente 90 pessoas, esses números sempre estão em alternância devido ao fato de muitas famílias chegarem e outras saírem da terra indígena. Menos de 1% dos indígenas possui renda salarial, e se alguns possuem é por prestarem serviços à própria comunidade: na escola, no posto de saúde e no saneamento básico. O restante vive de doações, da venda de artesanatos e do que adquire com o Bolsa Família. Desde meados de 2016 até agora, ano de decadência política, muitas bolsas já foram cortadas e há épocas em que é preocupante a escassez de alimentos.

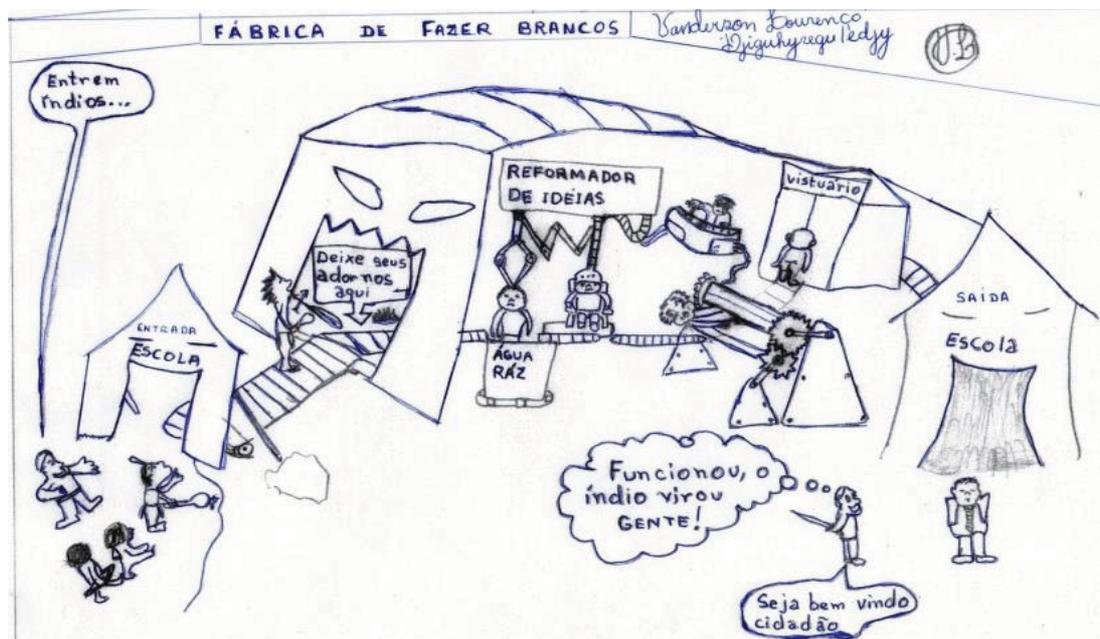
No início da constituição da aldeia não havia escola, e o professor *Nhengatu Mirin* (Gilmares Guilherme da Silva) começou a ensinar as crianças na *Opy'i* – Casa de Reza local sagrado para os Guarani. Até que em parceria com o Colégio Bom Jesus no ano de 2002 foi construída a meia água onde é atualmente a Escola Estadual Indígena *Mbya Arandú*. Esta foi estadualizada em 2005 e desde então alguns professores Guarani conseguiram concluir o Magistério Indígena. A escola atua somente com o ensino fundamental I e II, sendo que na primeira fase as crianças têm aula somente com professores indígenas e são alfabetizadas na língua Guarani e na segunda fase com professores índios e não – índios (*Jurua*).

3.2. PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO: NOVAS ALTERNATIVAS PARA A EDUCAÇÃO INDÍGENA

Desde 2017 nós da equipe da Escola Estadual Indígena *Mbya Arandú* temos avançado muito em termos de uma educação mais significativa, que vá além do calendário escolar já diferenciado em respeito a datas importantes para a cultura Guarani, e um ensino trilingue. Uma fala que nos motivou muito a tais mudanças foi a do Dr. José Ribamar Bessa Freire, intelectual ativo na denúncia das injustiças contra os povos originários e também colaborador na formação de educadores indígenas. Sua crônica “Desaprendendo na Escola” foi de fato um estímulo para a equipe e algo que nos fez repensar nossa prática educativa.

O texto é ilustrado pelos desenhos de um dos seus alunos do curso de formação, Vanderson Lourenço, indígena Guarani de Pinhalzinho (PR) que representa a escola como uma “Fábrica de Brancos” (FIGURA 1).

FIGURA 1 - FÁBRICA DE BRANCOS



FONTE: Freire (2013)

Essa escola ainda não tinha espaço para os indígenas e não havia sido contemplada com as conquistas do Movimento Indígena como o magistério voltado para formação de professores indígenas, a valorização da língua materna e uma proposta curricular diferenciada. Porém essa instituição reformulada ainda tem muito que ser questionada e ainda não está longe da representação feita por Vanderson já

que a escola pode ser sim diferenciada, mas a metodologia ainda ocorre dentro dos moldes tradicionais de ensino. Além do mais não há completa autonomia perante os parâmetros e diretrizes impostas pelo Estado quando referente à elaboração do projeto político-pedagógico, autonomia na escolha dos métodos avaliativos e ensino por meio de projetos interdisciplinares que tenham como objetivo desenvolver ações referentes às necessidades da comunidade. É nesse sentido que José R. B. Freire retoma em sua crônica a fala do professor Guarani de Palhoça (SC) Leonardo Werá Tupã: “A escola dentro da aldeia é como se fosse uma embaixada de outro país”, pois está localizada dentro da aldeia mais quem tem controle sobre ela não é a comunidade local mais o Estado Nacional Brasileiro.

A partir dessas reflexões e imersos nos problemas sociais da comunidade, nós enquanto escola resolvemos questionar: Educação pra quê e pra quem? Como seguir a rotina burocratizada e sistemática da instituição em meios a tantos desafios que são impossíveis de serem ignorados? Como a escola pode colaborar pra uma educação verdadeiramente Guarani?

Romper com as estruturas burocratizadas da instituição escolar é a única maneira de se fazer uma educação efetiva voltada para o sujeito e não para uma proposta de metas a serem cumpridas, para isso primeiramente é preciso desburocratizar as relações. Desse modo avançamos ao perceber que não poderíamos ficar sem ação perante os problemas vigentes na comunidade, um deles o que mais nos chocou e ao mesmo tempo nos instigou para fazer a diferença foi a fome, muitas famílias estavam passando dificuldades por falta de alimentos em tempos em que as doações e os programas sociais já não estavam sanando a carência. Foi a partir disso que o projeto da horta escolar se intensificou, todos os professores de alguma maneira dentro de suas disciplinas começaram a incentivar o plantio. Eu, por exemplo, trabalhei com vários textos instrutivos sobre horta e os tipos de hortaliças dentro da disciplina de espanhol na tentativa de incentivar as hortas caseiras, esse trabalho em conjunto deu certo alguns alunos e moradores acabaram construindo as suas próprias plantações aos arredores de suas casas. Mas só isso ainda não era o suficiente então a direção da escola junto com a equipe escolar se propôs a vender artesanatos em troca de alimentos, pois muitas famílias produzem artesanatos. Também intensificamos o incentivo a visitas na aldeia e começamos a levar artesanatos para fora, eu muitas vezes levei artesanatos para as aulas da ANE.

E foi nesse contexto que tivemos a grande sacada, algo que nos deu força para a tentativa de aproximar mais a comunidade da escola, já que aquela integração prevista em cinco dias letivos conforme calendário escolar nunca foi o suficiente, chamamos a comunidade para escola (FIGURA 2 e 3) e em algumas reuniões onde foram protagonistas conseguimos perceber o que eles queriam que seus filhos/parentes aprendessem e o que eles poderiam aprender e melhorar enquanto comunidade.

FIGURA 2 - REUNIÃO ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE



FONTE: A autora (2017)

FIGURA 3 – REUNIÃO ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE



FONTE: A autora (2017)

Foi início de um trabalho que almeja a construção de um Projeto político-pedagógico com autonomia Guarani, pois como afirma Vasconcellos (2013 p.21):

[...] o projeto é um instrumento de luta! [...] tem uma importante contribuição no sentido de ajudar a escola a conquistar e a consolidar sua autonomia [...]

onde professores e equipe sintam-se responsáveis por aquilo que lá acontece, inclusive em relação ao desenvolvimento dos alunos [...] é o Projeto que vai articular no interior da escola, a tensa vivência da descentralização, e através disso permitir o diálogo consistente e fecundo com a comunidade e os órgãos dirigentes. VASCONCELLOS (2013 p.21)

Esse trabalho se fez no sentido de valorizar o conhecimento Guarani, as capacidades e potencialidades desse povo para superar e transcender as dificuldades visto que a aculturação e o assistencialismo por muito tempo aprisionou essas percepções de que eles são sujeitos capazes de mudar sua realidade. Então nesse caminho de construção coletiva de soluções e alternativas para uma nova educação indígena comunitária, com a tradução do Cacique e dos professores indígenas chegamos ao que intitulamos de “Princípios da educação Guarani”. Estes baseados na vida em comunidade, a organização tradicional, a união e para eles os benefícios espirituais que provém disso. Como disse o Cacique Werá Tupã (Laércio Silva) “Tudo o que a gente faz junto se sente melhor, mais feliz, mais seguro, é importante”. Conseguimos elencar alguns temas importantes para serem trabalhados como plantios de alimentos tradicionais Guarani (exemplo milho, mandioca, feijão), técnicas de caça, brincadeiras, o uso do pilão, o uso do forno comunitário, a oficina de pão caseiro, as hortas das famílias etc. Toda essa construção se deu a partir da auto-observação/auto-crítica da comunidade sobre si, percebendo suas carências, defeitos e no que poderiam melhorar para mudar a realidade

3.3. AS AÇÕES: EM BUSCA DA AUTONOMIA GUARANI

Como combinado a primeira ação realizada depois das reuniões com a comunidade, foi a “Oficina de Pão Caseiro” a ideia surgiu, pois além da escassez de alimentos isso também acarretava dívidas com vendedores externos como fruteiro e padeiro que vem até aldeia vender seus produtos com preços distintos da média. Na aldeia havia um forno abandonado em desuso há muito tempo, ele foi construído depois de um curso de panificação em que poucos indígenas participaram e nunca mais foi utilizado, dentro do forno havia lixo e muito mato ao redor.

A primeira oficina ocorreu no final de julho, alguns indígenas saíram para catar lenha, alguns se encarregaram de limpar ao redor do forno (FIGURAS 4 E 5), outros doaram farinha e fermento, outros aprenderam a fazer pão ou o fizeram da maneira

que já sabiam. A lenha úmida e a falta de habilidade com o forno fizeram com que a primeira oficina tivesse duração de dois dias.

FIGURA 4 – LIMPEZA E MANUTENÇÃO DO FORNO COMUNITÁRIO



FONTE: A autora (2017)

FIGURA 5 – LIMPEZA E MANUTENÇÃO DO FORNO COMUNITÁRIO



FONTE: A autora (2017)

Para finalizar a oficina, reunimos todos os participantes para uma conversa avaliativa sobre o dia e depois fizemos a partilha dos pães (FIGURAS 6 e 7), nem todos fizeram os pães ou deram trigo, mas todos ajudaram de alguma forma nas várias tarefas que a oficina exigiu, então foi momento de observar e partilhar os pães

(FIGURA 8) resultantes da oficina. Este foi um momento importante para ressaltar a importância da organização e do envolvimento de todos os presentes nas atividades, para que a educação ocorra através do exemplo e da união.

FIGURA 6 – REUNIÃO COM A COMUNIDADE PARA DISTRIBUIÇÃO DOS PÃES



FONTE: A autora (2017)

FIGURA 7 – EQUIPE DA ESCOLA, PAIS E ALUNOS



FONTE: A autora (2017)

FIGURA 8 – RESULTADO DA PRIMEIRA OFICINA



FONTE: A autora (2017)

A segunda oficina ocorreu no mês seguinte em agosto e teve integração com pais e alunos da “Casinha do Mato” projeto educacional alternativo desenvolvido na cidade de Morretes (PR) pela minha colega de curso Roana Lúcia da Silva Filardo. Foi um dia intenso de troca de saberes e experiências, eles trouxeram sementes de urucum para compartilhar e também alimentos que eles mesmos cultivaram para fazer um almoço vegetariano. A Roana ensinou alguns indígenas, entre eles pais e alunos a fazerem compota de limão caipira (FIGURA 9 e 10), fruto bem comum na aldeia. Foi nessa experiência que pude observar de fato as categorias integradoras que estudei para se fazer uma nova educação, a integração entre as famílias, as crianças (FIGURA 11), os funcionários e a troca de aprendizados foi um exemplo de interculturalidade, interexperencialidade, interterritorialidade, interinstitucionalidade, interdisciplinariedade.

FIGURA 9 – OFICINA DE COMPOTA DE LIMÃO



FONTE: A autora (2017)

FIGURA 10 - OFICINA DE COMPOTA DE LIMÃO



FONTE: A autora (2017)

FIGURA 11 – INTEGRAÇÃO CRIANÇAS DA ALDEIA E CASINHA DO MATO



FONTE: A autora (2017)

Foi um dia bastante produtivo, houve maior participação da comunidade e alunos, assim conseguimos fazer mais pães do que na primeira oficina (FIGURA 12 e 13) e somente em um dia. Também levei para a escola a minha avó materna dona Maria Renoir (FIGURA 14) para colaborar com a oficina, além de ensinar algumas indígenas a fazerem pão com farinha de milho, como ela foi criada desde pequena fazendo pães em forno a lenha, ajudando o pessoal da aldeia com seu conhecimento.

FIGURA 12 – RESULTADO DA SEGUNDA OFICINA DE PÃO CASEIRO



FONTE: A autora (2017)

FIGURA 13 – RESULTADO DA SEGUNDA OFICINA DE PÃO CASEIRO



FONTE: A autora (2017)

FIGURA 14 – DONA MARIA RENOIR NO FORNO A LENHA



FONTE: Arquivo pessoal (2017)

A terceira oficina ocorreu em setembro e foi aberta para a participação dos meus colegas da ANE, para uma vivência pedagógica, alternativa prática de aprendizado e integração – os INTER´S. Nesse dia aprendemos uma nova receita de pão caseiro, também fizemos pão de beterrada orientados pela colega de ANE Samira Padilha Xavier e a colega Nahyr Carneiro da Silva nos ajudou a fazer pães na folha de bananeira saborizados com orégano (FIGURA 15).

FIGURA 15 – OUTROS TIPOS DE PÃES



FONTE: A autora (2017)

Tivemos uma maior participação da comunidade pelo fato da oficina ocorrer num sábado letivo, estiveram conosco adultos, adolescentes, crianças, famílias inteiras participando (FIGURA 16, 17 e 18). Além do envolvimento de todos os funcionários da escola que deixaram de lado as suas funções burocráticas e participaram da oficina, um exemplo disso foi a secretária Neuza da Silva e a pedagoga Cintia Bach que tanto fizeram pães como passaram o dia na cozinha nessa e nas outras oficinas preparando o almoço para os participantes, além da direção e dos professores que trabalharam na manutenção do forno a lenha. Foi um dia de lazer, união, alegria, troca de experiências, tão intenso que não consegui registrar fotos com os pães assados.

FIGURA 16 – CRIANÇAS, ADOLESCENTE E ADULTOS NA OFICINA



FONTE: A autora (2017)

FIGURA 17– CRIANÇAS, ADOLESCENTE E ADULTOS NA OFICINA



FONTE: Arquivo pessoal (2017)

FIGURA 18– CRIANÇAS, ADOLESCENTE E ADULTOS NA OFICINA



FONTE: A autora (2017)

Esse trabalho visou desde o início desenvolver diversos objetivos como a união, a solidariedade, o diálogo, a cooperação, a responsabilidade, a autonomia. São nesses momentos, em que se rompe com a ideia disciplinar e burocratizada da escola e que é possível perceber as inúmeras maneiras e possibilidades de aprendizado, pois nesse dia não tínhamos séries, horários, a figura de mando do professor, mas todos foram educadores e aprendizes, todos ensinaram e aprenderam mutuamente. Posso dizer que trilhamos um belo caminho para a efetivação de uma Comunidade de Aprendizagem que segundo Torres:

[...] é uma comunidade humana organizada que constrói um projeto educativo e cultural próprio, para educar a si própria, suas crianças, jovens, adultos, graças a um esforço endógeno, cooperativo e solidário, baseado num diagnóstico não apenas de suas carências, mas, sobretudo, de suas forças para superar essas carências. TORRES (2004. p.1)

Nesse sentido, é comprovado que a aprendizagem não se restringe somente a escola e todos são protagonistas do processo educativo. Assim essas oficinas serviram de estratégia para o desenvolvimento local trabalhando em prol de a soberania alimentar da comunidade, uma forma de resgatar e dar novos significados a economia local fortalecendo o hábito da troca e da ajuda mútua entre as famílias.

Foi um momento de formação na prática, que gerou novas possibilidades de se fazer autonomia, avançando a percepção de que a escola não é o único espaço educativo e todos são protagonistas. Por isso cabe aqui ressaltar a importância da continuidade desse trabalho para que novas ações se concretizem e façam florescer a força de uma educação comprometida com a emancipação de todos os envolvidos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo que a escola é espaço de conhecimento e transformação do sujeito e da realidade em que vive. Um exemplo disso é que quando comecei a trabalhar com educação escolar indígena, ainda tinha dúvidas sobre a verdadeira relevância da escola dentro da aldeia e com o tempo aprendi o quanto essa instituição, que por muito tempo foi utilizada para desapropriá-los da própria cultura, atualmente contribui para o fortalecimento cultural e a autodeterminação desses povos, conscientizando-os sobre o processo abrupto de aculturação pelo qual passaram e suas consequências. Foi na escola indígena que depois de um tempo de descrença e desânimo comecei a refazer a minha história como educadora e posso dizer que a educação escolar indígena salvou uma professora. Todo aquele envolvimento comunitário no trabalho da escola e a importância de nossas ações despertaram em mim o verdadeiro significado da educação: o de ensinar para a vida e para a emancipação.

Por isso acredito que dentro da aldeia a educação escolar indígena é essencial para o fortalecimento comunitário e cultural sensível as especificidades e ao conhecimento indígena. Para tal é urgente a construção de uma proposta política-pedagógica diferenciada que faça da educação um instrumento para fortalecer o conhecimento indígena e não algo para fragmentar, analisar e validar o conhecimento em números e avaliações superficiais. Ou seja, buscar uma alternativa educacional que realmente seja diferenciada e valorize a sabedoria indígena, pois para eles o conhecimento é muito amplo e não se resume a meras disciplinas, se faz de modo natural na vida cotidiana com total valor a oralidade. Desse modo, nós enquanto escola, buscamos sair do pensamento branco-colonizador da educação imposta e romper de vez com esse modelo individualista, fragmentado, disciplinar, “conteudista”, para uma educação diferenciada voltada para a realidade local e para fortalecimento da autonomia da comunidade. Nós como educadores devemos ser como ferramentas para o fortalecimento e a transformação social, atrelando os conhecimentos tradicionais aos valores locais como nossa maior força para a resolução dos problemas.

Por isso é urgente a necessidade de uma educação que envolva as pessoas uma com as outras, que dê significado as suas vidas, ensinando a solidariedade, o reconhecimento, onde o aprendiz possa se valorizar por aquilo que ele é. Pois a escola

não é espaço para descaracterizar, inferiorizar, e reprimir a essência e a história das pessoas. Escola é vida, é vivência, é comunidade, troca de conhecimentos e espaço para valorização de todos. Por isso pretendo continuar buscando ações educacionais que tenham relevância com a realidade dos educandos e suas famílias, rompendo cada vez mais com a lógica imposta de tempo espaço e saber/poder escolar. Fazendo da escola lugar onde todos são essências ao fazer educativo.

REFERÊNCIAS

BARRERA, Tathyana Gouvêa da Silva.
O Movimento brasileiro de renovação educacional no início do século

XXI. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16082016-113432/pt-br.php>> . Acesso em: 20 de mar. de 2018.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Desaprendendo na Escola.** Disponível em: <<http://www.taquiprati.com.br/cronica/1059-desaprendendo-na-escola>>. Acesso em: 01 de jun. de 2018.

TORRES, Maria Rosa. **Comunidade de Aprendizagem: A educação em função do desenvolvimento local e da aprendizagem.** Disponível em: <www.ifejant.org.pe/Aulavirtual/aulavirtual2/.../18/.../Torres.pdf>. Acesso em: 10 de jun. de 2018.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos, 1956. **Coordenação do Trabalho Pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula.** São Paulo: Liberdade, 2013.

Vários autores. **Manifesto pela Educação.** Disponível em: <<http://manifestopelaeducacao.blogspot.com/>>. Acesso em: 01 de jun. de 2018.